



Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Francisco Chamuco e a exposição de Antuerpia*, por Pinheiro Chagas;—*Jerusalem*, por Alberto Telles;—*Perfis*, versos, por Luiz da Silva;—*A rosa e o phantasma*, conto, trad. de Vidigal Salgado;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (passatempos)—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*A mocidade portugueza*, por Alberto Pimentel;—*A primeira communhão*, conto, por José Maria da Costa

GRAVURAS: *Filippe de Carvalho*.—*Francisco Gomes d'Amorim*.—*O novo ministerio francez*.—*Baixo relevo da estatua equestre de D. José I*.—*Nice*.

CHRONICA

Chronica? Chronica de que?

Se um bello sol, luminoso e quente, como o que eu estou vendo brilhar do alto da minha agua-furtada, pudesse servir de assumpto exclusivo á Chronica, offerecendo uma pouca de novidade a quem a lê, atirava-me a elle com o denodo d'um esfaimado que se atira ás succulencias de lauto festim. Mas o bom do sol é como a questão Hersent e das obras do porto correlativas: já não offerece novidade nenhuma, apesar de ter vindo este anno com atraso.

E quem diz sol, diz primavera, noites mornas de luar, campos rescendendo perfumes, madrugadas formosissimas, flores a rôdo por toda a parte, o noivado das andorinhas, o despertar da Natureza, o delicioso Abril das percalinas frescas e dos chapéus de palha *canotier*, a estação dos morangos e do paio com ervilhas.

Ervilhas! Que delicia!

Pois sim, mas nem todos gostam; e a chronica não ha de pôr-se aqui a cantar as excellencias do saboroso vegetal, em risco de provocar nauseas a quem já tivesse apanhado com elle alguma forte indigestão.

No entanto, era um bello assumpto, isso era...

Porque emfim, afóra as ervilhas, este paiz quasi que não dá mais nada.

Nós, nem sequer temos um Boulanger que agite o Norte, e a quem cantemos o conhecido estribilho de Paulus, *En rev'nant d'la R'vue*. Os nossos generaes, coitadinhos, são incapazes de agitar coisa nenhuma, e



FILIPPE DE CARVALHO

estão todos de pés para a cova. A raça dos Saldanhas acabou, e com ella desapareceram os dictadores audazes.

Não temos, tambem, louvado Deus, como tem a Allemanha, um imperador agonize e um kronprinz que conspire, fornecendo todos os dias á imprensa paginas tristissimas d'uma tragedia medonha e horripilante.

Isso tudo passa-se lá muito ao longe,—a agonia do litorosa e lenta de Frederico III, o martyr, a agitação produzida por Boulanger, o heroe.

Por cá, não ha heroes nem martyres; e a existir algum martyr n'este momento, sou eu, eu só.

Se qualquer coisa bem notavel e extraordinaria se passou pela semana fóra, eu não dei por ella. Apenas me lembro de ter assistido a uma prelecção sobre aerostatos, feita por Cypriano Jardim em S. Carlos.

Cypriano Jardim é um major de artilheria muito bem posto, 46 annos de idade, meio litterato, meio jornalista, meio dramaturgo, meio poeta, meio politico, meio militar, sabendo fazer um soneto quando quer, e sabendo ser homem pratico quando lhe convém. Braço ás armas feito, mente ás musas dada, abandonou em tempo as musas e as armas, por uma cadeira de deputado, abandonando mais tarde a Camara, para se entregar ao estudo do problema da direcção dos balões.

Diz-se que, por ter idéas elevadas, não quiz fazer mais politica na terra, e preferiu fazel-a nos ares. Não sabemos se é verdade isto, mas pode muito bem ser.

Um mau fado, porém, persegue Cypriano Jardim em todas as suas descobertas. Ha uma certa reluctancia em tomal-o a serio, apesar da gravidade da sua posição e da authenticidade dos seus talentos. Se, como jornalista, escreve artigos de fundo, ninguem faz grande caso d'esses artigos. Se, como dramaturgo, apresenta a *Pesca da Baleia* e o *Camões*, toda a gente, á carga cerrada, diz logo que as peças não são d'elle, e levantam-se a proposito d'isso, na imprensa, polemicas interminaveis e azedas. Se, como inventar estudioso, affirma ter descoberto o modo de dar todas as direcções possiveis e imaginaveis aos balões, atravez das mais impetuosas correntes atmosphericas, apparece de improviso um seu compatriota para nós desconhecido, o sr. Antonio Patricio Correia, morador a Rilhafolles, e interpella-o d'esta sorte:

Ex.^{mo} sr.—Pretendendo eu que o balão de que v. ex.^a se diz auctor é uma *blague*, armada para uma *quête*, e propondo-me a sustentar esta minha pretensão em todos os campos, offereço a v. ex.^a, como questão previa, a seguinte proposta:

1.^o Que v. ex.^a nomeie tres delegados seus, para conjunctamente com tres delegados meus, todos homens de sciencia profissionaes, examinaremos os trabalhos de v. ex.^a e os meus sobre o assumpto da direcção do balão.

2.^o Que o veridictum respectivo se faça conhecido pela imprensa, a fim de que a opinião publica se oriente e se exerça com justiça.

Unico—A recusa de v. ex.^a a esta proposta constituirá prova plena da minha asseveração.

E é isto! Tudo quando Cypriano faz, ou é uma *blague*, ou não é obra sua. Tudo postico, como se diz nas *Medicas*, de Gervasio Lobato e de Fernando Caldeira.

Viram já maior enguiço?

Chega um americano qualquer, um pantomineiro exofico, annunciando que traz especificos para debellar as calvicies mais antigas e rebeldes, e todo o mundo o acredita e todo o mundo corre a comprar lhe o unguento milagroso, sem mesmo reparar em que o vendedor da droga é calvo como um joelho.

Vem Cypriano Jardim dizer-nos que escreveu uma peça ou que fez uma descoberta maravilhosa, e caem-lhe logo em cima todos os Patricios Correias da rua de Rilhafolles, bradando-lhe:—Larga a peça que não é tua! deixa ir o teu balão pelos ares, que esse balão é uma *blague*!

D'aqui a dois dias, são capazes de dizer que os galões doirados e reluzentes de major, com que o vimos preleccionar em S. Carlos, não são d'elle.

E o facto é que, esta corrente de duvida e de descrença formada em volta do distincto official—descrença injustificada e quasi systematica—chega a influenciar-nos por vezes. Nós ouvimos a prelecção; não somos capazes de refutar um só dos argumentos que elle apresentou, para demonstrar a superioridade do seu aerostato sobre todos os outros aerostados conhecidos; vimos, com os nossos proprios olhos, o seu pequenino balão modelo mover-se em todas as direcções, em todos os sentidos, subindo, descendo, ladeando, circulando, mas no fim d'aquellas experiencias, d'aquellas provas, pozemo nos a rir e não tomámos o caso a serio.

Porque? Vão lá sabel-o!

Affirma-se que Cypriano Jardim mandou construir na Allemanha um grande balão dirigivel, do seu systema, e que realisará n'elle varias ascensões, em companhia d'alguns amigos.

Eu offereço-me para acompanhar o brilhante official a toda a parte, *calcante pedes* ou em *Sleeping-carr*; affirmo-lhe que pode contar commigo para a vida e para a morte e para tudo o mais que fôr preciso; juro-lhe por estas (✠ ✠) que o creio pae exclusivo de todas as suas peças; mas quanto a viajar com elle pelos espaços no balão Jardim... nunca jámais! Antes mil vezes arriscar-me a passar d'esta para melhor, cá por baixo, expondo a minha cabeça ás mocadas d'um sicario, como succedeu a Pinheiro Chagas.

Pinheiro Chagas! Ia-me esquecendo.

Ahi está outro assumpto.

Sucedem-se os *Te-Deum* em acção de graças pela resurreição miraculosa do grande escriptor, do honrado estadista. E aos *Te-Deum*, seguem-se os banquetes festivos de congratulação sincera e affectiva. Em todas essas manifestações de sympathia e d'apreço e de jubilo, a nota que mais se tem ferido, é a honradez inconcussa do infatigavel trabalhador, honradez attestada pela sua pobreza, que um facto bem doloroso e bem funesto acaba de evidenciar aos olhos de toda a gente.

Amigos pessoas e politicos, desconhecidos, povo, fallando de Chagas n'estas festas imponentes e d'uma alta significação, antes de dizerem d'elle: «Resuscitou um formosissimo talento», dizem:—«Salvou-se um homem honrado!»

E nós, que julgavamos a nossa sociedade toda corrompida, desfita em farrapos pela acção deprimente e corrosiva dos syndicatos, começamo-nos agora a convencer, com profundo regosijo, em vista d'isto, de que ainda ha muito quem preze a honradez e admire a virtude e levante altares ao cavalheirismo. Não se perdeu tudo entre nós, bemdito Deus!

No banquete realisado ha dias no salão da Trindade em honra de Pinheiro Chagas, fallou-se muito de politica, mesmo talvez mais do que seria preciso n'um jantar de festa e de jubilos. A eloquencia regeneradora transbordou, ao desrolhar das primeiras garrafas de champagne, imprimindo áquelle banquete um caracter accentuadamente politico. Brindes houve, que attingiram as proporções de discursos tribunicios. De todos esses brindes, o menos politico, mas incontestavelmente o mais sympathico, foi o que vibrou nós seguintes termos, soltado por uns labios tremulos de commoção:

«Brindo á mulher e aos filhos de Pinheiro Chagas!»

A mulher e os filhos! A quasi viuva e os quasi orphãos de ha dois dias, a quem a Providencia restituiu o affecto incomparavel do pae e do esposo! Que formosissimo poema este, e como a politica, a nauseante politica, é miseravel e pequenina ao pé d'elle!

Francisco Chamiço e a Exposição de Antuerpia

II

A exposição de Antuerpia foi incontestavelmente um triumpho para Portugal, e deveu-o principalmente ao enthusiasmo com que para o seu exito concorreram todos os que tomaram parte no preparo, e na direcção da exposição portugueza. No Ultramar encontraram os nossos esforços a mais completa adhesão; os numerosos socios correspondentes que a Sociedade de Geographia conta nas provincias ultramarinas, e que todos se empenharam ardentemente no successo de uma obra, que ia dar a essa sociedade uma notavel importancia, os agentes do Banco Ultramarino empenhados em cumprir fielmente as ordens da direcção do Banco, e acima de tudo o zelo que mostraram os governadores das provincias ultramarinas fizeram maravilhas.

A decisão de se concorrer á Exposição fôra tomada tarde, e por conseguinte nem a Africa Oriental, nem as nossas colonias asiaticas puderam concorrer largamente, mas em compensação a Africa Occidental contribuia com uma prodigiosa quantidade de productos. Por uma bem-aventurada coincidência, os governadores d'essas provincias eram não só funcionarios de intelligencia, zelo e iniciativa, mas tambem meus amigos pessoas. Não só cumpriram com presteza e perfeição as ordens do governo, mas mostraram-se empenhadissimos em satisfazer os pedidos que em cartas particulares lhes dirigira. Ferreira do Amaral governava então Angola, e acabára de levar a effeito em Loanda uma exposição provincial verdadeiramente maravilhosa. Tinha por conseguinte reunido já importantissimos elementos para esta nova exposição. Governava S. Thomé Custodio Borja, e foi elle que teve a excellente idéa, que foi logo approvada, de mandar á exposição a banda do corpo de policia de S. Thomé, composta exclusivamente de musicos pretos.

A tudo isto junte-se a actividade verdadeiramente extraordinaria do delegado que a commissão executiva mandou á Africa Occidental. Foi Antonio de Castilho, um dos homens de espirito mais resolutos que eu conheço. Nada o embarça.

Tudo resolve com promptidão e acerto.

Parecendo doentissimo, tem uma força de resistencia extraordinaria. Atravessou a nossa Africa Occidental com uma rapidez surpreendente, e todos ficámos surpreendidos ao ver que elle em menos de tres mezes percorrera as ilhas do Cabo Verde, e as do golpho de Guiné, os districtos de Loanda, Benguella e Mossamedes, e estava em Lisboa de volta, seguido por uma multidão de productos destinados á Exposição.

Acompanhando depois Francisco Chamiço a Antuerpia, foi alli tambem para elle um auxiliar incomparavel. Ambos redigiram o luminoso catalogo da Exposição Portugueza, que é uma excellente compilação de noticias e de informações importantissimas ácerca da nossa agricultura e da nossa industria africana.

Os serviços prestados por Luiz Diogo da Silva, thesoureiro da commissão, foram tambem consideraveis. Só com a rigida economia, e a excellente administração dos fundos que lhe foram confiados é que elle ponde satisfazer o compromisso tomado por Francisco Chamiço de não exceder o orçamento.

Em Antuerpia teve ainda Francisco Chamiço um outro excellente auxiliar, Jeronymo da Silva, um zeloso empregado do ministerio das obras publicas, muito habituado ao serviço das exposições, e que tivera uma excellente aprendizagem na escola de Fradesso da Silveira, que foi um dos homens mais activos que teve o nosso indolente Portugal.

É curioso seguir agora o excellente relatorio de Francisco Chamiço, que apparece infelizmente quando esse nosso desgraçado amigo já dorme o somno eterno debaixo da lousa do seu tumulo. Que enthusiasmo que se sente n'aquellas paginas em que transparece a cada instante a modestia em que elle procurou sempre esconder-se n'essa obra de que elle foi sem duvida um dos mais gloriosos iniciadores!

Muitos dos periodos d'esse estudo são por elle consagrados á banda dos musicos negros de S. Thomé. Consagrara-lhes um affecto especial, e considerava-os justamente como um dos elementos que mais concorreram para o exito da nossa exposição.

Era esse effectivamente a *great attraction*, porque era tambem a grande novidade. Tinhamos um elegantissimo pavilhão, productos excellentes e excellentemente dispostos, e já isso nos dava um logar de honra entre os expositores; mas emfim a exposição colonial franceza não era de certo inferior á nossa. O que porém ninguem tinha era esse frisante epecimen da civilização da raça negra.

A multidão corria em chusma a admirar os nossos negros. N'essa occasião principiava a apparecer o Estado independente do Congo, que tambem apresentou os seus pretos mandados ir das margens do Zaire; mas não havia comparação possivel entre esses selvagens espantados, e esses bellos rapazes negros, serios,

cordatos, tocando excellentemente, vestindo com elegancia o seu uniforme portuguez, e marchando em perfeita ordem atravez das ruas de Antuerpia para o seu logar junto do pavilhão onde tremulava a nossa bandeira.

Foram elles positivamente o *clou* da Exposição. Formava-se sempre em torno d'elles um grupo immenso quando tocavam. O rei Leopoldo, que não podia ter grande predilecção por nós, pois que fôra elle o fundador do famoso estado independente, não podia deixar de admirar esses negros intelligentes, alguns dos quaes entenderam umas perguntas que elle lhes dirigio e lhes responderam em francez, lingua que tinham aprendido no Gabão, onde tinha estado.

Francisco Chamiço velava pelo seu bem-estar, tomava todo o cuidado em que elles não commettessem alguma incorrecção, mas os rapazes parecia que tinham comprehendido a grandeza do papel que estavam desempenhando e portavam-se admiravelmente.

Causaram um verdadeiro enthusiasmo, e Francisco Chamiço cita com alegria no seu relatorio as provas d'isso. Tiveram manifestações da parte das corporações de Antuerpia, os maestros da velha cidade flamenga dedicaram lhes composições musicas, as senhoras, que elles tinham auxiliado bizarramente n'uma festa de caridade, choraram quando elles partiram, e Chamiço mencionava todos estes factos minuciosamente, não se esquecendo senão de si proprio.

Elle mesmo comtudo obtivera um verdadeiro triumpho, a que se refere no seu Relatorio muito ligeiramente. Chamiço falava com fluencia, mas tinha uma voz muito debil, que mal se podia ouvir nos brindes dos banquetes officiaes. N'um d'elles porém, uns jornalistas francezes, sem má intenção, com mau gosto, amesquinham a nacionalidade belga, advogando a idéa da sua fusão com a nacionalidade franceza. Esta inconveniencia provocou violentos protestos da parte dos jornalistas belgas que estavam presentes, e que, levados pelo sentimento patriotico, se esqueceram um pouco do sentimento da hospitalidade. Foi n'estas circumstancias que Chamiço tomou a palavra. Como era natural, estabeleceu-se um profundo silencio, porque em occasões como estas ouve se sempre com extrema attenção o orador que pode dar uma saída á situação desagradavel em que todos se acham collocados. Com a sua voz fraquissima, Chamiço, sem magoar de modo algum o sentimento francez, antes manifestando as nossas sympathias nacionaes pela França, fallou com enthusiasmo de verdadeiro portuguez que elle era, das pequenas patrias, do que tem de sagrado e de respeitavel o sentimento da sua independencia. Foi o bastante para que as suas palavras, embora pronunciadas fracamente, encontrassem um echo immenso de sympathia entre belgas e até entre francezes tambem. Teve uma ovação ardente que ainda redebrou de enthusiasmo, quando a um signal de Chamiço a banda de S. Thomé, que estava presente, tocou o hymno belga a *Brabançonne*. Então a ovação chegou a ser delirante.

Todas estas coisas tinham conciliado a Chamiço tantas vontades, que o nosso paiz conseguiu uma parte muito mais larga do que era licito esperar nas recompensas que foram distribuidas.

Já lá vão tres annos depois que se celebrou esta grande festa internacional em que tão brilhante papel desempenhámos, e em que a Sociedade de Geographia teve tambem tão nobre e tão honrosa missão a cumprir. Francisco Chamiço, que alli gastou a sua saude e o seu dinheiro, que á sua custa occorreu a avultadas despezas de representação, recebeu do governo portuguez, quando voltou ao reino, em testemunho de reconhecimento pelos seus serviços, a grã-cruz da Conceição. No paiz porém não encontrou os louvores que deviam esperar-se, o seu patriotismo e a sua dedicação.

Pois nós que podémos conhecê-lo e tratá-lo muito de perto durante vinte e oito mezes, periodo em que se não passou um dia, pode dizer-se, sem tratarmos de negocios coloniaes, podemos affirmar que vão escasseando entre nós os homens da sua tempera, almas como a sua, espiritos como o seu. Teve que lutar com muitas inimizadas e com muitas injustiças, mas, como acontece sempre, agora ha-de-se-lhe prestar a homenagem que lhe faltou em vida. O Banco Ultramarino reconhecerá que perdeu n'elle uma capacidade excepcional, as colonias um amigo verdadeiro e entusiastico, a patria um cidadão que sentia, o que está sendo raro, pulsar no seu peito com vivacidade o sentimento nacional.

E, já que a sorte não quiz que eu o precedesse no tumulo, que me seja licito ao menos depôr sobre a sua campa esta homenagem singela.

PINHEIRO CHAGAS.

JERUSALEM

15 de abril de 1888.

Jerusalem: centro commum de tres religiões que representa-

ram um papel importante na historia da humanidade, é uma cidade exclusivamente religiosa, em que não se faz commercio nenhum, excepto o das coisas santas.

Chamam-lhe os mussulmanos *El Kods* (a santa) e consideram-na o seu sanctuario mais venerado depois da Méca, porque Mahomet foi lá uma noite, em sonhos, e um dos pés do cavallo que o arrebatou aos ceus descançava sobre o rochedo sagrado de Jerusalem.

No logar do templo de Salomão elevam-se a mesquita de *Omar*, uma das obras primas da arte arabica, e a mesquita de *El Aksa*, que é uma antiga basilica christã. São os dois mais bellos monumentos de Jerusalem. Ha só vinte annos que é permittido aos christãos visital-os.

Jerusalem para os judeus é sempre a cidade de David, o berço da sua raça e da sua religião. E lá vão, como ha mil annos, chorar ao pé do muro que fecha o recinto do templo de Salomão, lá esperam o Messias, e muitos desejam lá morrer para ficarem sepultados no valle de Josaphat, e serem os primeiros que desperte a trombeta do juizo final.

Os christãos veem a Jerusalem ver o logar onde se realisou o drama da *Paixão*. Veneram a casa em que nasceu a Virgem, assim como o seu tumulo, e seguem a *Via dolorosa* que Jesus Christo percorreu para ir soffrer a morte. Erigiram, no sitio em que elle foi crucificado e enterrado, a igreja do *Santo Sepulchro*, cuja fachada remonta á epocha das cruzadas, e cuja architectura e decoraçào teem estampado o cunho de todas as edades.

Do outro lado do valle de Josaphat eleva-se o *monte das Oliveiras*, d'onde Jesus Christo subiu ao céo. D'ali se descobre um magnifico panorama; a leste, para o Mar Morto, e, a oeste, para Jerusalem.

Cumprer notat que os archeologos não estão todos de accordo com os fleis.

Jerusalem foi tantas vezes destruida, os seus edificios levantam-se sobre um tal montão de ruinas, que ainda não foi possivel reconhecer com certeza os monumentos da antiga epocha judaica, e ha fortes razões para se acreditar que a muralha de pedras colossaes, junto da qual os judeus veem fazer as suas lamentações é do tempo de Herodes o Grande (20 annos antes de J. C.) e não da epocha de Salomão.

Por outro lado, Tito destruiu completamente Jerusalem no anno de 70: matou, dispersou e vendeu os seus moradores, prohibindo-lhes rigorosamente que habitassem a cidade santa. N'essa epocha, a tradiçào christã ainda não estava formada; reataram-na S. Jeronymo e Santa Thereza, no seculo IV, e a contar d'esta data é que se principiaram a identificar alguns dos logares Santos. Não deve, pois, causar estranheza que tenha havido incertezas e contradições e que ainda hoje se discuta sobre o verdadeiro sitio do drama do Calvario.

Mas, se os monumentos confundiram as suas ruinas, o aspecto do paiz e os costumes de seus habitantes teem feito pequena mudança, e o viver em Jerusalem ajuda a comprehender o Velho e o Novo Testamento.

Estes beduinos, com seus fluctuantes albornós, que guiam uma fila de camellos, dão a lembrar os patriarchas antigos e os pastores da Biblia. Estes valles pedregosos, e sem agua, são os que os magos atravessaram. Aqui estão, á porta de Jaffa, os leprosos e os paralyticos que vinham, em bandos, pedir a sua cura ao Christo. No interior da cidade os carregadores e os negociantes recordam-nos aquelles que Jesus expulsou do templo. Os trajos de certos habitantes, como são os de Bethleem, não parecem ter soffrido, ha 2.000 annos, alteraçào alguma.

A cidade tem o seu cinto completo de muralhas, as mais antigas das quaes são do tempo de Salomão ou de Herodes, e as mais modernas do reinado de Solimão (seculo XVI). Rasgam essas muralhas cinco portas muito bellas, que se fecham á noite, e nunca deixam passar uma carruagem. Em toda a cidade não ha uma rua só que permita o transito de carros. São tudo estreitas vielas, ingremes, cheias de largos degraus, e calçadas de pedras cortantes ou escorregadias, sobre as quaes se teem em pé com difficuldade os cavallos e os burros.

O governo ottomano nada tem feito para facilitar o accesso a Jerusalem. Em Jaffa não ha senão um porto desabrigado, em que os navios teem de levantar, quando o tempo é mau. Percorrem-se a cavallo ou de carro, por uma estrada mal reparada, os 65 kilometros que separam Jaffa de Jerusalem. Alguns tiros de dynamite bastariam para fazer saltar os rochedos que tornam sobremaneira difficil o desembarque em Jaffa, e ha muito que se poderia ter feito a construcção ou a concessào de um caminho de ferro de Jaffa a Jerusalem. O governo turco não tem feito nada, porque não quer attrahir muitos europeus a este paiz.

Tem o nome de *Sanctuario* um logar santo, sobre o qual se erigiu uma capella, uma igreja, ou outro monumento. Pertence aos christãos a guarda dos sanctuarios.

Os christãos do Oriente estão divididos em muitas seitas, a saber:

- 1.º—Os latinos, nos quaes se comprehendem os catholicos romanos, e os gregos e armenios *reunidos*.
- 2.º—Os gregos orthodoxos ou schismaticos.
- 3.º—Os armenios schismaticos.
- 4.º—Os cophtas.

5.º—Os abyssinios.

6.º—Os syrios, maronitas e outros.

7.º—Os protestantes de diversas confissões.

São os gregos schismaticos que teem a guarda do maior numero de sanctuarios e que occupam principalmente a maior parte da igreja do Santo Sepulchro. Os latinos não vêem sem ciuime esta situação privilegiada, e o espectáculo d'essas luctas causa alguma tristeza.

A França segue aqui uma politica secular. Desde Carlos Magno que ella tem na Palestina sob a sua protecção os catholicos, seja qual fór a sua nacionalidade—o que lhe permite exercer uma acção civilisadora que é proveitosa á sua influencia.

A guarda dos logares santos, entregue aos latinos, está, desde o seculo XIII, entre as mãos dos franciscanos da Terra Santa, que constam pela maior parte de italianos, mas que estão collocados, a titulo de latinos, sob o protectorado da França. Esta protecção é exercida pelo actual consul geral da França na Palestina, o sr. Ledoult, que deixou as melhores recordações da maneira distincta porque exerceu, durante cinco annos, o consulado de Zanzibar, e que na sua nova collocação tem sabido fazer amar a França.

Aqui é que se admira a justeza do celebre dito:—«O anticlericalismo não é um objecto de exportação»—O consul de França na Palestina tem a superintendencia de 19 estabelecimentos religiosos (dos quaes são francezes 14) com um pessoal de 300 a 350 pessoas, que ensinam 2.500 creanças, as quaes aprendem todas a fallar francez, e prodigalisam os seus cuidados a grande numero de enfermos.

No dia em que a França perdesse o interesse por esta obra de protecção, seria immediatamente substituida por outra nação, e a sua influencia n'este paiz desapareceria.

Com recursos limitados, os estabelecimentos latinos obteem resultados espantosos, ao passo que a Sociedade Biblica de Londres e outras sociedades inglezas dispendem, em pura perda, sommas enormes para converter os judeus que, assim como os mussulmanos, nunca se convertem.

Ha 25 annos havia em Jerusalem perto de 3.000 judeus; actualmente são mais de 28.000, e formam os tres quintos da população total.

Esta affluencia tem por causa as perseguições que, ha alguns annos, os teem expulso da Russia e da Allemanha, bem como a facilidade que elles encontram em viver aqui, nos estabelecimentos philantropicos fundados por alguns dos seus correliogonarios ricos, taes como a familia de Rothschild.

Reconhecem-se os judeus de Jerusalem pelos seus compridos tabardos, os seus barretes de pelles, e as melenas frisadas que lhes emolduram o semblante.

Aqui, como em Jaffa, ha uma colonia protestante allemã. O maior numero de viajantes na Palestina é dos Estados Unidos.

Trad.

ALBERTO TELLES.

PERFIS

IX

ESTHER

(A' ex^{ma} sr.^a D. Georgina de Mendonça)

N um *boudoir* bem fechado,
Ella chora os seus amores,
E aspira o viciado
Aroma de muitas flores...
N'um *boudoir* bem fechado,
Ella chora os seus amores...

Tentando fugir á sorte,
Que com afan a persegue,
Procura a gélida morte...
E o seu desejo consegue,
Tentando fugir á sorte,
Que com afan a persegue...

E, chorando os seus amores,
Ella morre lentamente,
Aspirando brandamente
O aroma de muitas flores...
E, chorando os seus amores,
Ella morre lentamente.

LUIZ DA SILVA.



FRANCISCO GOMES D'AMORIM

A ROSA E O PHANTASMA

Emquanto a mamã, na sala immediata, interpretava uma aria de Beethoven, a menina Bertha pousou em cima do fauteuil o seu bebé japonês—ella tinha já dezeseis annos, mas ainda brincava com bonecas—voltou-se para mim e disse-me:

—Ail sr. F!... parece-me que não me animo a contar-lhe a historia. E' a mais pavorosa d'este mundo! e mesmo, fallando a verdade, não é das mais proprias para contar-se, porque é a historia de um amor, que não é muito vulgar na minha idade.

—Ora, minha querida menina, obtemperei eu, estou convencido de que está para ahí a fazer uns espantos exaggerados. Provavelmente o que lhe aconteceu não passa, no fim de contas, de um episodio muito trivial e muito simples; n'uma palavra: uma historia tão singella e innocente como a sua alma. Um mau pensamento em menina tão ingenua seria mais extraordinario do que uma nodoa negra no mais casto lyrio.

Conte... conte sem receio... Está a exaggerar o caso!... Uma sensitiva comparada comsigo, é uma flôr impudente! A collecção de todas as suas aventuras, escripta em verso, ou mesmo em prosa, era para ser encadernada em setim branco com filetes de ouro.

Era o melhor manual de virtude que se podia offerecer aos anjinhos estudiosos no dia da distribuição dos premios no paraíso.

—Sabe que mais? tenho medo de que fique fazendo mau conceito de mim, disse ella. Emfim seja o que fôr, lá vae a historia! Faça idéa: ella é tão horrorosa que eu nunca tive animo de a confessar ao padre.

Emquanto a menina Bertha assim fallava, os raios do sol que entravam pelas janellas mergulharam a sua gentil cabeça n'um banho de luz, dourando-lhe os louros cabellos e beijando-lhe as faces de neve. Era uma rosa branca, angelica, aureolada de luz divina...

Começou assim:

Primeiro do que tudo, é preciso dizer-lhe que nos conventos sempre succedem coisas de fazer pasmar a gente!...

Imagina que as educandas passam o dia a ler livros serios, a estudar as lições, a escreverem os themas com os dedinhos sujos de tinta? pois engana-se! A's vezes occupam-se de coisas vergonhosas!... Ninguem faz idéa do que ellas dizem umas ás outras pela bocca pequena, em voz baixa, cochichando ás duas e duas debaixo d'aquelles castanheiros da cerca! Quantas vezes fui eu pilhal-as a segredarem entre si a respeito de rapazes com quem ellas se tinham encontrado em ferias, uns moços bonitos, elegantes, de bigode e pera!... Se algumas tinham até o impudor de confessar que já tinham pensado mais d'uma vez no casamento!... Ora veja se isto não é desaforo!... E como ellas estão instruidas a respeito de certas particularidades!...

Olhe: uma coisa me está lembrando, que o vae fazer dar pulo!... Uma occasião tinha eu encontrado, escondido n'uma moita de pascoinhas, um ninho de toutinegras ainda só com a pennugem, muito pequeninas, a pipilarem; perguntei a uma das minhas amigas como era que os passarinhos tinham nascido. Sabe o que ella me respondeu? «Foi porque o pae e a mãe se beijavam muitas vezes e saltitavam juntos no mesmo caminho, muito as escondidas, entre as flôres!...»

—Ora essa!... com effeito!... exclamei eu com espanto.

—O que lhe disse eu? Que havia de ficar espantado!...

—Mas, graças a Deus, a Berthasinha absteve-se sempre de tão ruins pensamentos... faço idéa de que era a admiração das suas companheiras pelo seu commedimento e applicação ao estudo, não é verdade?

—Sim, senhor, retorquiu-me ella, prézo-me de ter sido digna dos elogios de todas por muito tempo, até ao dia em que me aconteceu o caso que me pediu que lhe contasse.

Uma vez, depois da merenda, andava eu a passeiar sósinha na quinta, quando ao longo d'um muro vestido de rosas de tocar... olhe que eu não andava a pensar em coisas feias, acredite... quando de repente ouvi do lado da estrada uma voz a mais harmoniosa que se pode imaginar; pareciam notas de musica...

—Ahl já sei; alguma serenata que lhe davam e então...

—Que aborrecimento!... eu creio que não lhe disse que a musica era viola franceza, ou cavaquinho... A pessoa que soltava aquelles sons harmoniosos, que fallava com aquella melodia, com aquella ternura indizível, conhecia-se logo—tal era a suavidade—que essa pessoa, digo, não era nem uma mulher, nem um velho.

—Ahl!...

—O rapaz, já vê que era um rapaz, dizia assim:

Oh querida da minh'alma! tu és o anjo que eu mais amo n'este mundo! onde tu não estás não viçam flôres, não verdeja a relva, não gorgem as aves, nem explende a luz do ceu! Porque te não amerceias do meu amor, anjo querido... fonte do meu jubilo e do meu martyrio?... Se não queres que eu morra, dá-me essa rosa branca que trazes no teu seio...

—Ahl já comprehendo, era algum rapaz que estava fallando com a namorada, na estrada...

Aqui, a minha gentil interlocutora olhou para mim furiosa.

—Que idéa o sr. teve!... exclamou ella. Que demonio de namorada está o sr. para ahí a inventar?...

Era eu! commigo é que elle fallava.

—O que! sem nunca a ter visto?

—Porquê? E' absolutamente necessario ter visto uma rapariga, para que alguém se apaixone perdidamente por ella? Tanto mais que talvez o rapaz me tivesse já visto alguma vez trepada n'algunha arvore, quando andavamos a brincar...

—Ahl sim, não me tinha lembrado essa circumstancia...

—E a prova que era commigo, foi elle pedir-me uma rosa e eu ter com effeito uma rosa no seio...

—Sim, é cathegorical contra isso não ha duvidas. Peço perdão de ter supposto que o rapaz se dirigia a outra... Agora já eu adivinho pouco mais ou menos a falta de que hoje se arrepende... Provavelmente enterneceram n'a as palavras do mancebo e atirou-lhe com a rosa por cima do muro...

—O que! com a flor que elle pedia? ora essa!... Eu comprehendia muito bem os meus deveres para ceder a semelhante fraqueza. Apesar de correr risco a sua vida—elle é que o dizia—no caso de lhe recusar o objecto dos seus desejos, ainda assim desatei a fugir, toda a tremor, muito assustada e sem querer ouvir mais coisa alguma.

—Mas então a aventura rediz-se a isso?... ora... então tudo me leve a crer que hade ser perdoada...

—O' sr.!... mas eu ainda não acabei!... Sabe lá até onde chegaram as coisas!...

Passados dias espalhou se no convento um panico tal que as freiras não faziam senão vaguear pela cerca e pelos claustros apavoradas e levantando as mãos para o ceu. O que tinha acontecido era tão extraordinario, tão espantoso, que uma freira já velha, que havia annos—toda a gente o dizia—dez annos que não proferia uma palavra, exclamou: «Deus Nosso Senhor se compadeça de nós!»

—Mas afinal o que tinha acontecido?

—Tinha acontecido apparecer todos os dias nos claustros uma alma do outro mundo!...

O phantasma percorria as cellas, os corredores, as salas, coberto com uma mortalha branca. Os olhos pareciam mesmo duas brazas!... E quando andava, arrastava umas cadeias muito pesadas... Eu não lhe posso explicar o terror que elle causou! Nós tinhamos uma mestra de desenho, uma ingleza, que tinha um cabello louro lindissimo! pois pela manhã tinha se-lhe tornado branco de neve!... Margarida, uma amiga minha, disse que aquillo tinha sido por que a ingleza se tinha esquecido de se pintar; mas não senhor... a opinião de toda a gente era que a mestra se tinha encontrado com o phantasma, e com o susto tinham-se-lhe feito brancos os cabellos.

Emfim... toda a gente andava n'um sobresalto constante. Não imagina!... A superiora mesmo, quando lhe contaram o caso ficou muito apouquetada, muito afflicta.

—Provavelmente—isto é o que eu penso—alguma das pensionistas, mais trocista, imaginou para assustar as companheiras vaguear de noite pelo convento, vestida de branco e com duas velas acesas fingindo os olhos, debaixo de um grande veu...

A seductora Bertha mediu-me pela segunda vez com um gesto verdadeiramente minaz.

—Devo confessar que o sr. tem uma imaginação muito feliz!...

Então não querem vêr?... Uma pensionista... um grande veu... duas velas... Pois não se lembra de que o rapaz do outro lado do muro me tinha declarado que morria, se eu lhe não desse a rosa que trazia no seio?...

Ora diga-me: o sr. não era tambem capaz de morrer, se não lhe dessem uma flor que lhe tivessem promettido?

—Com toda a certeza! exclamei eu no tom solemne de quem jura.

—Pois muito bem: elle fez exactamente o que o sr. faria... O pobre rapaz tinha morrido de desgosto; e era a sua alma penada que andava errando pelo convento!...

—Ahl!... agora... agora!... Tem razão; era a sua alma penada... Agora é que eu cahi no caso!... Eu, no logar d'elle, tambem era alma penada.

—A dadia de amor que elle em vida tinha ambicionado, reclamava-a agora, depois de morto. Ora eu comprehendia que emquanto lhe não satisfizesse o innocente desejo, aquella alma nunca mais tinha um momento de descanso.

—Mas conservou a flor, já se sabe...

—Conservei-a por alguns dias, mas afinal resolvi dar-lh'a.

Uma noite, depois de se apagarem as luzes—per signal, exactamente n'essa noite, a superiora tinha declarado que se o phantasma continuasse a apparecer, as educandas eram todas castigadas, porque ella tinha feito exactamente o mesmo juizo errado que o sr.—apagadas as luzes, dizia eu, deixei cair a rosa na lagea do corredor; no dia seguinte já elle não appareceu, nem tornou mais a apparecer no convento!...

Eu confesso a minha culpa, porque bem sei que foi muito grave... ceder assim ás supplicas d'um rapaz, apesar de defun-



M. FLOQUET
(Ministro do Interior, e presidente do Conselho)



M. FREYCINET
Ministro da Guerra)



M. GOBLET
(Ministro dos Negocios Estrangeiros)



M. L'AMIRAL KRANTZ
(Ministro da Marinha)



M. PEYTRAL
(Ministro das Finanças)



M. LOCHROY
(Ministro da Instrucção Publica, e Bellas Artes)



M. FERROUILLAT
(Ministro da Justiça)



M. PIERRE LEGRAND
(Ministro do commercio e Industria)



M. DELUNS-MONTAUD
(Ministro das Obras Publicas)



M. VIETTE
(Ministro da Agricultura)

O NOVO MINISTERIO FRANCEZ

cto, é uma coisa que não tem perdão... mas consola-me a ideia de que me será levada em conta a minha boa intenção... O que é verdade é que eu não podia deixar soffrer assim eternamente uma creatura que tinha morrido por minha causa e que pedia uma coisa tão insignificante, pois não acha?..

Dito isto, a menina Bertha voltou para o seu bébé japonês. Eu não quiz destruir-lhe as intenções fazendo-lhe notar que na sua interessante narração tinha havido uma ou duas inverosimilhanças... Para que? nada adiantava e ella ficava-me com zanga... E depois, fallemos francamente, para uma mulher, mesmo que seja uma menina que ainda brinca com bonecas, é sempre lisonjeiro que alguém morra de amor por ella e que continue a amal-a, mesmo depois de defuncto... E d'ahi quem sabe?... Quem sabe se ella dizia a verdade e eu é que estava em erro? Quem sabe se o tal joven do lado de lá do muro logrou obter a flor que Bertha deixou cahir na lagea do convento?... A's vezes...

Trad.

VIDIGAL SALGADO.

AS NOSSAS GRAVURAS

FILIPPE DE CARVALHO

Um trabalhador e um infeliz, tal foi o distincto jornalista que a morte acaba de arrebatá-lo.

Filippe de Carvalho trabalhou muito, revelando sempre uma actividade extraordinaria, e morreu pobre, como pobre viveu sempre. E' a sina dos que trabalham, dos que luctam.

Nascera no Porto, em 23 d'agosto de 1822. Nos seus primeiros annos, dedicou-se ao commercio n'aquella cidade. Depois, desempenhou o cargo de escrivão da camara municipal de Bouças, sendo tambem advogado por provisão.

Retirando-se para Lisboa, prestou aqui bons serviços ao *Comercio do Porto*, na qualidade de correspondente.

Tendo-se filiado no partido regenerador desde a revolução de 1852, consagrou-lhe verdadeira dedicação. Foi em diversas legislaturas deputado pelo circulo da Horta, comprehendendo com verdadeira lucidez a sua missão de representante dos interesses populares.

Além dos seus muitos serviços áquelle circulo, a ilha do Fayal é devedora a Philippe de Carvalho da grandiosa obra de um porto artificial. Como testemunho de reconhecimento, a municipalidade resolveu que a principal avenida da cidade da Horta fosse denominada Avenida Philippe de Carvalho, e resolveu mais collocar o retrato do seu dedicado representante em côrtes na sala das sessões, sendo a inauguração d'esse retrato feita com a maior solemnidade.

Na ultima situação regeneradora, Philippe de Carvalho foi indigitado para par do reino, honra que declarou não aceitar.

Como jornalista, deixa o seu nome vinculado á fundação da *Correspondencia de Portugal*, jornal que adquiriu importancia na imprensa portugueza, e no qual collaboraram homens de superior merito, tanto na politica, como no funcionalismo publico e nas letras.

Como escriptor, deixa ainda diversos opusculos. Organizou um interessante *Almanack Ecclesiastico da Diocese do Porto*, e, por occasião da morte do grande estadista Fontes Pereira de Mello, compilou em volume os principaes trechos das homenagens publicamente tributadas á memoria do vulto eminente da politica portugueza.

Trabalhador modesto, Philippe de Carvalho não acceitou distincção honorifica alguma, fundada nos valiosos serviços que prestou ao seu paiz. Por mais de uma vez lh'as offereceram, mas nunca o encontraram disposto a acceital-as.

FRANCISCO GOMES D'AMORIM

Francisco Gomes de Amorim nasceu a 13 de agosto de 1827, na aldeia de Avelomar, na provincia do Minho, a 30 kilometros do Porto.

Filho de paes muito modestos e muito pobres, a infancia do poeta passou-se na pobreza. Apesar d'isso, conseguiu a solicitude materna mettê-lo na escola do mestre Manuel Corval, em Santo Antonio de Cadilhe, bem como a seu irmão, Manuel Gomes de Amorim, que foi depois respeitavel negociante na cidade do Pará.

Francisco Gomes de Amorim abominara, na infancia, a escola primaria, como elle proprio confessa no prefacio da primeira edição dos *Cantos Matutinos*. Aos 10 annos, tendo de ir ao Porto acompanhar o irmão que partia para o Brazil, quiz ir tambem, e embarcou no brigue *General Nepomuceno*, que o levou ao Pará, com trabalhosa viagem de cincoenta e tantos dias.

Mas depressa reconheceu o juvenil emigrado que não tinha nascido para a vida commercial. O seu caracter eminentemente portuguez, aquelle amor de aventuras, que levava os nossos antepassados á procura de mundos novos atravez dos procellosos mares, levou-o depressa ao seio das florestas, ás cachoeiras dos grandes rios, á convivencia com as tribus selvagens do Xingú e do Amazonas, fallando e escrevendo as linguas d'elles. Dos quatorze para os quinze annos a leitura casual do poema *Camões*, do grande Garrett, transformou-o repentinamente, revelando-lhe a sua vocação poetica e litteraria. Escreveu a Garrett uma sentida carta, á qual este respondeu convidando-o a vir estudar sob a sua direcção, em Lisboa.

A 22 de março de 1846 embarcou Gomes de Amorim, no Pará, a bordo do patacho *Julio*, com destino a Portugal.

Chegando ao Porto, achou a sua provincia em plena revolução contra o ministerio d'esse tempo. Moço, liberal entusiasta, e vendo alguns dos seus parentes entre o povo insurgido, associou-se á causa popular, expondo a vida por amor d'ella. Restabelecida a paz, com o advento ao poder do ministerio do duque de Palmella, partiu Amorim para Lisboa.

As idéas revolucionarias de 1848 acharam no peito ardente do patriota as sympathias que aos 20 e 21 annos inspiram todas as causas generosas, ou que se nos affigram taes. Os seus versos *Garibaldi*, *A queda da Hungria*, *A Liberdade* e outros, publicados nos jornaes *Patriota*, *Revolução de Setembro*, etc., electrizaram até alguns dos seus adversarios politicos!

Todos os homens de letras de Lisboa, os jornalistas de todas as côres politicas, sem exceptuar os absolutistas, offereceram-lhe um jantar publico, de perto de cem talheres, ao qual presidiu Almeida Garrett.

O caracter de altiva independencia de Gomes de Amorim contribuiu poderosamente para essa homenagem solemne: vendo-se sem recursos de dinheiro durante as revoluções de 1846 a 47, Gomes de Amorim aprendeu, por louvavel e corajoso orgulho, o officio de chapelheiro, para não dever o seu sustento ao favor de amigos. Ao mesmo tempo que trabalhava de dia para ganhar com que comprar livros, perdia as noites a estudar. Elle mesmo refere parte d'estes actos da sua vida no livro *Fructos de vario sabor*, auto-biographia de *Angelo Cardoni*.

Passadas as commoções civis, foi, em 1851, nomeado official da Junta Geral da Bulla da Cruzada, e Ajudante de Escrivão da Pagadoria de Marinha.

Em 9 de dezembro de 1854 expirava-lhe nos braços o seu melhor amigo e mestre, Almeida Garrett, que em seus ultimos annos lhe servira de pae, dirigido os seus estudos.

Passando em 1859 para a Bibliotheca de Marinha, annexa á Escola Naval, ahi ficou, sendo hoje conservador d'essa Bibliotheca e do Museu de Antiguidades Navaes. Em 1858 fôra eleito socio correspondente da Academia Real das Sciencias, tendo já diplomas de outros institutos, tanto nacionaes como estrangeiros; mas não lhe permittindo a pouca saude concorrer ás sessões da Academia, mandou ha annos a sua demissão ao Secretario Geral, por não poder desempenhar as obrigações que impõe a qualidade de academico.

As obras que Francisco Gomes d'Amorim tem publicado, são as seguintes:

Versos: *Cantos Matutinos*, 1 vol.—*Ephemeros*, 1 vol.—*A Flor de Marmore*, 1 folheto.

Theatro: *Ghigi*, 3.^a edição—*A Prohibição*, 1 vol.

Odio de Raça, 1 vol. E' um drama de costumes da escravidão e que durante 15 annos andou na scena portugueza.

A Abnegação,—*A Viuva*, 1 vol.—*Figados de Tigre*, 1 vol.—*Aleijões Sociaes*, *Casamento e Mortalha*, 1 vol.

Os Incognitos do Mundo, *Os Herdeiros do Milionario*, 1 vol. *O Cedro Vermelho*, 2 vols.

Romances: *Os Selvagens*, 1 vol. *O Remorso Vivo*, 1 vol: Este é a continuação e conclusão d'aquelle. *Fructos de vario sabor*, 1 vol. *Muita parra e pouca uva*, 1 vol. *O amor da Patria*, 1 vol., romance de costumes maritimos. *As fiandeiras*, 1 vol, romance de costumes da provincia do Minho. *Garret*, *Memorias biographicas*, 2 vol. *Memorias*, *Viagens e theatro*, 10 vols. De todas estas obras ha largas noticias criticas nos jornaes de Portugal e Brazil, sendo o auctor considerado pelos seus contemporaneos como creador da poesia maritima em Portugal.

Modesto e simples no seu viver, tem recusado sempre as distincções que outros apreciam tanto, e que amigos influentes lhe teem até querido impôr por diferentes vezes. Estranho ás luctas dos partidos, em todos os campos tem sabido conservar amigos verdadeiros.

Amigo sincero e fiel, chefe de familia exemplarissimo, conversador agradavel e instructivo, homem do seu tempo e do futuro, vivendo muito pelo coração e pela imaginação, querido de todos que d'elle se aproximam, sorrindo entre as dôres que o atormentam e procurando sempre nos seus escriptos ser util ao seu paiz, como bem o prova ainda no seu ultimo livro, intitulado *O Amor da Patria*, Francisco Gomes de Amorim tem-se mostrado sempre digno do altissimo engenho que litterariamente o adoptou, e parece-nos incontestavelmente o discipulo que melhor se apropriou da maneira do seu immortal mestre, Almeida Garrett.

O novo ministerio francez

PRESIDENCIA E INTERIOR

Carlos Floquet.—Nasceu em 1828. Dedicou-se á carreira de advogado, alcançando um logar eminente. Entrou em varias causas celebres, entre outras a do processo Victor Noir, sendo advogado da familia d'este contra Pedro Bonaparte. Desde 1870 que tem assento na camara, entre os deputados da União esquerdista. Ha muito que o seu nome era indicado para ministro; opposições da Russia obstaram sempre a que elle occupasse tão alto cargo.

GUERRA

Freycinet.—Nasceu em Foix a 14 de novembro de 1828. Todos sabem o papel que representou durante a guerra franco-prussianna; conhecem todos o seu plano de grandes trabalhos. Era muito considerado como engenheiro, quando em 1876 entrou na vida publica, eleito senador do Sena. Foi membro de todas as commissões importantes. Era hontem ainda presidente da commissão do exercito. Não podem enumerar-se as pastas que lhe tem sido confiadas. Em fins do anno passado, foi candidato á presidencia da Republica e obteve, tanto nas reuniões preparatorias como no Congresso, grande numero de votos. Freycinet, além de ser um illustre parlamentar, tem muitas obras scientificas apreciadissimas.

E' membro da Academia das sciencias.

ESTRANGEIROS

Goblet.—Nasceu em 26 de novembro de 1828. Advogado e jornalista, combateu o imperio; depois de 4 de setembro, foi nomeado procurador geral em Amiens. Pediu a sua demissão para entrar na Assembléa nacional. Foi já por varias vezes ministro, e ha um anno teve a presidencia do conselho.

MARINHA

Krantz.—Este almirante fazia parte do gabinete Tirard. Não tem cadeira no parlamento.

FINANÇAS

Peytral.—Tem cincoenta annos. Era pharmaceutico, quando entrou na vida politica, nas eleições geraes de 1881, como deputado da primeira circumscripção de Marselha. Foi secretario d'estado do gabinete Goblet, quando Carnot era ministro.

INSTRUÇÃO PUBLICA E BELLAS ARTES

Lockroy.—Nasceu em Paris a 18 de julho de 1838. Entregou-se activamente ao jornalismo, durante o imperio, até ao dia em que foi chamado para ministro do commercio e industria, no gabinete Goblet. Foi eleito representante do Sena á assembléa nacional por cerca de 135.000 votos. Reeito mais tarde, nas eleições geraes de 1885, empenhou-se nos grandes trabalhos e discussões parlamentares. Quando ministro, dedicou-se inteiramente a preparar a exposição universal de 1889. E' casado com a nora de Victor Hugo.

JUSTIÇA E CULTOS

Ferrouillat.—Nasceu em Lyon a 4 de maio de 1820. Tomou assento nas Constituintes de 1848. Passados muitos annos, em 1871, foi eleito á assembléa nacional como representante do Var, e, em 1876 e 1885, como senador do mesmo departamento.

COMMERCIO E INDUSTRIA

Pierre Legrand.—Deputado do Norte, foi já ministro. Pertence á União esquerdista. Legrand nasceu em Lille a 13 de maio de 1834. Foi nomeado prefeito do Norte em setembro de 1870 e procurou organizar a defesa nacional d'accordo com o general Faidherbe. Foi eleito deputado por Lille em 1876. Não obteve ser reeleito em 1885, mas entrou ha pouco tempo na camara, por uma eleição parcial.

OBRAS PUBLICAS

Daluns-Montaud.—Tem quarenta e tres annos, e ha dez que representa o departamento de Lot-et-Garonne. E' um orador notavel. Tomou assento na camara, nas bancadas da União esquerdista.

AGRICULTURA

Viette.—Conserva a sua pasta. Antigo jornalista, Viette é deputado pelo Doubs.

BAIXO RELEVO DO PEDESTAL DA ESTATUA EQUESTRE

A nossa gravura de hoje representa o baixo relevo do pedestal da estatua erigida no Terreiro do Paço, em Lisboa, a el-rei D. José I.

D'este baixo relevo o objecto principal é a generosidade regia, virtude personalisada na figura de urca donzella com as vestes e

insignias reaes, e na attitudo de descer do solio, como para acudir a remediar a lamentavel catastrophe da capital destruida pelo terremoto de 1755; ao lado tem um leão, symbolo da mesma virtude.

Outra figura feminina, a cidade de Lisboa, é facilmente conhecida pelo escudo de suas armas, isto é, o navio com os dois corvos á popa e á prôa; vé-se cahida e em deliquio, para significar o desastre que soffrera: o governo da republica, trajando como os guerreiros antigos, está a amparal-a com a dextra; a este trava do braço esquerdo o amor da virtude, representado n'um menino aligero coroadado de grinaldas de louro, que o guia perante o throno para expor os intentos e solicitar os meios de progredir na reparação da cidade, ao que a generosidade regia benignamente defere.

O commercio, abrindo os seus cofres, franquea as suas riquezas: e com effeito, fez-se a alfandega e continuaram as obras publicas mediante o donativo offerecido pela classe commercial.

Posteriores a esta figura, que tem aos lados a cegonha e duas mós, que são seus symbolos, vemos mais duas figuras, representando a architectura, que mostra a planta da cidade, e a providencia humana, que se distingue pela corôa de espigas de trigo e pelo leme e uma chave na mão esquerda: veem ambas concorrer com a sua pericia e direcção a levantar Lisboa do meio das ruinas em que jazia sepultada.

NICE

Cidade da França, capital do departamento dos Alpes maritimos: tem 53.000 habitantes.

Occupa uma posição muito pittoresca no extremo occidental de uma bahia de pequena extensão, chamada bahia dos Anjos.

Os monumentos e curiosidades mais notaveis de Nice, são a fonte grega, as ruinas do antigo castello, as egrejas de Santa Reparata e de S. Domingos, a prefeitura, a casa do municipio, o palacio dos Lacaris, o hospital civil, o hospital da Cruz, a bibliotheca, etc.

Pertencia ao rei do Piemonte desde 1814 e foi cedida á França juntamente com Saboya, por occasião da guerra d'Italia em 1859. E' patria do marechal Massena e de Garibaldi.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada conimbricense

Começo por predizer-lhe
Que, na vertical priminha,
Creia, topa,
Sem grande cerco fazer-lhe,
Com bem formosa avesinha,
Não da Europa.

Em segunda, é natural
Que o leitor, sem nenhum riso
De maçada,
Encontre certo animal,
O qual, julgo, é bem preciso
Na caçada.

Pelo costume, a seguir,
A primeira horisontal
Creia, está;
A qual, grave, sem se rir,
Cá do nosso Portugal
Villa dá.

Vem segunda n'um momento,
—Nada aqui fica p'ra logo:—
—Vae a fio!—
Que nos dá um instrumento,
De bem conhecido jogo,
Que aprecio.

Sempre a diagonal primeira,
Do lume, o leitor conserve
Bem distante;
Se ao contrario, quer fogueira,
Tel-a-ha,—p'ra tal bem serve,—
N'um instante.



BAIXO RELEVO DA ESTATUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I

Que ninguém mata a charada,
N'ultima o digo ao leitor,
Sem tollice;
Então? já 'stá decifrada?
Diga lá, sem a menor
Fanfarrice.

MATHEUS JUNIOR

Enigma

Como aládo me apresento,
Por entre a enorme fila
D'outros, que como eu vivem,
Na lagôa d'uma villa.

Posso deixar de sér ave
Pr'a sér pedra preciosa,
Ou nome d'uma senhora
Bella, gentil, donairoza!

Sou santa, e sou padroeira
De cidade italiana;
Rainha fui da Escocia,
Sem sér Maria, nem Anna.

Descendi d'um nobre conde
Lá da Provença oriundo;
Governei a propria França,
E mais cidades do mundo!

Hoje, porém, abatida,
D'esses lócos de real,
Podem vér-me como aldeia
Em terras de Portugal;

Ou então, se estão dispostos
A contar mil maravilhas,
Viagem, porque m'encontram
Longe, no mar das Antilhas!

Digam agora quem sou,
Qual a minha profissão,
E direito têm, por certo,
A' minha veneração.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Decifrações

DAS CHARADAS: Casca. —

C

c h a

c l a r a

c h a r e n a

a r e i a

a n a

a

UM CONSELHO POR SEMANA

Muitas pessoas empregam, na cura do terçol, cataplasmas de miolo de pão e de linhaça. Não fazem bem. A cataplasma de miolo de pão, sécca muito depressa; a de linhaça, atrae a suppuração. Em vez de qualquer d'ellas, aconselhamos a cataplasma de maçã reineta, que não apresenta aquelles inconvenientes.

A RIR

Final d'um dialogo amoroso:

— Juras me que has-de queimar as minhas cartas depois de as teres lido?

— Juro, sim. Mesmo antes, se quizeres.

Falla-se d'um velho de oitenta annos, que ainda monta a cavallo.

— Fará você outro tanto quando tiver aquella idade? pergunta um sujeito ao commendador Anastacio.

— Eul, responde elle, quando tiver oitenta annos... já terei morrido ha muito tempo!

*

O visconde de... chega a casa sem ser esperado, e surprehe o seu creado de quarto no gabinete de *toilette*.

— O que é isso, João? Estás-te servindo da minha escova de dentes?

João, sorrindo, muito naturalmente:

— Não tem duvida; lavei-a primeiro.

A MOCIDADE PORTUGUEZA

I

Dividiremos as nessas considerações em tres partes, em tres artigos successivos, tratando de outros tantos pontos: a mocidade portugueza nas gerações antigas; na ultima geração; e finalmente, na geração actual.

Estas tres epochas estão separadas, na historia da mocidade portugueza, por differenças profundas, que é mister reconhecer e estudar.

A mocidade portugueza foi na antiguidade uma epopea. A força, o valor, a galanteria, a aventura encontram-se n'ella. A cruz, a espada e a lyra symbolisam-n'a. Quando a gente lê as nossas velhas chronicas realengas sente-se fascinada pelo esplendor das façanhas juvenis.

Os cavalleiros moços que acompanhavam o tambem moço Affonso Henriques passavam como um vendaval de guerra, avançando para o sul. N'uma das mãos a cruz; na outra o gladio. Affonso Henriques, o conquistador, é d'elles, vive entre os moços; Affonso Henriques, o velho, pertence aos velhos, aos monges. Entoa canticos religiosos em Santa Cruz de Coimbra, com Theotonio, o prior.

Quando a mocidade portugueza parecia ir a corromper se com Fernando I, porque

O fraco rei faz fraca a forte gente,

um heroe moço apparece para salvar do naufragio as tradições gloriosas da mocidade portugueza. E' Nuno Alvares Pereira. D. Leonor Telles quiz vestir-lhe as armas por sua propria mão. Mas D. Nuno era tão novo, que não havia arnez que lhe servisse. Foi pedir-se um emprestado ao mestre de Aviz, que era tambem a esse tempo um heroe juvenil.

N'aquelles tempos, e a despeito do mau exemplo que a côrte irradiava, os portuguezes nasciam heroes.

Todo o poema do valor de Nuno Alvares está justamente na sua mocidade. O seu nome, immortalizado nos Atoleiros, em Aljubarrota e Valverde, é o de um cavalleiro assombroso, que passa pelas hostes castelhanas como o anjo do exterminio. Em Ceuta já não é o mesmo homem. Ahi, os filhos do rei sustentam heroicamente a tradição da mocidade portugueza. Mas o vulto de Nuno Alvares não se põe em relevo por novas proezas. A velhice faz d'elle um monge, um espirito para o ceu, quasi um asceta.

Em Aljubarrota, a ala dos namorados, desfraldando a sua bandeira verde, a côr symbolica da esperança, bate-se pela patria sob a divisa do amor. Na vespera da batalha esse grupo de rapazes, bravos como leões, conversam ao luar, fazendo votos de valor. N'aquelles tempos o valor era a escada de Jacob por onde só era licito subir ao ceu da felicidade amorosa.

Na côrte de D. Manuel a preocupação galante absorve a mocidade. Os cavalleiros de vinte annos fazem-se trovadores. Mas as portas do Oriente, marchetadas de ouro e perolas, vão abrir-se, e descerrar um novo theatro de proezas e aventuras. E' um reagente energico contra a enervação palaciana.

Camões, o typo mais completo e mais perfeito de um portuguez de vinte annos, ensaia em aventuras de capa e espada nas ruas de Lisboa as forças que depois vae consumir em Ceuta e na India.

Quando Camões embarcou para a India tinha vinte e nove annos; suppõe-se que já então havia principiado os *Lusiadas*. Era um heroe completo, quasi ideal: tinha para as mulheres a fascinação da coragem aventureira e do porte gentil; para os homens, o valor, o denodo, a espada prompta e cortante, já afiada no pescoço de Gonçalo Borges; para todos o deslumbramento de um genio superior, scintillante, peregrino.

Fechado o cyclo das grandes façanhas militares dos portuguezes no Oriente, a mocidade sente, é verdade, a falta de um vasto theatro para representar as suas proezas de valor.

A companhia de Jesus empolga uma grande parte da mocidade portugueza, procurando encerrar no claustro todos os thesouros intellectuaes,—todas as foças juvenis. Pela educação jesuitica, os moços fazem-se velhos, tornam-se sabios. O habito é como um arnez de gelo, arrefece o coração.

O que aconteceu porém?

Foi que quando a fortuna das poderosas ordens monasticas principiou a desandar, a mocidade portugueza, podendo rasgar a roupeta, atirou o coração para o sol, para a liberdade.

Lança-se então na febre da aventura amorosa. O amor exalta a imaginação. Principia o cyclo dos poetas. As academias pullulam. As damas são conhecidas por anagrammas. Os amantes disfarçam-se em pastores. O bucolismo alastra de flores o caminho que a mocidade vae pisando.

Faltam as guerras, as aventuras de batalha. Mas o ardente espirito portuguez, tendo febre de combater, empenha-se em certamens poeticos.

Os *outeiros* são uma lucta de gloria litteraria. Aparecem as grandes rivalidades dos poetas, como outr'ora as tinha havido entre os soldados da Africa e da India.

O mais perfeito representante d'esta epoca, que fecha o primeiro periodo da historia da mocidade portugueza, é Bocage,—o Bocage dos *outeiros*, do *Agulheiro dos sabios*, da Nova Arcadia, dos improvisos, das aventuras eroticas.

A alma portugueza renasce n'elle sob um novo aspecto.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

A PRIMEIRA COMMUNHÃO

Ella era loura e fina, tão loura que parecia ingleza. Dir-se-ia uma das filhas do consul britannico, e não a filha de um pobre carpinteiro da ilha, o tio Jacintho, empregado nas obras da doka.

Porque é que a pequena tinha saído tão linda, sendo os paes relativamente feios? Mysterios da natureza. O que é um facto, é que o tio Jacintho, tinha legitimo orgulho de haver procreado tão gentil creatura.

Os rapazes, operarios e burguezes, disputavam um olhar, uma attenção da Angela, apesar d'ella ser ainda muito joven e olhar para elles com o ar de quem desejaria antes rir e folgar como collegial, do que mostrar-se apaixonada.

Na pobre rua onde morava, ladeada de casas de operarios, compostas só de *rez-de-chaussés*, havia uma colmeia humana de creanças, adultos e velhos. Muita rapariga, mas todas morenas, de cabellos pretos, constituindo pelo seu aspecto de ciganas, um contraste perfeito com a extrema folguração ideal d'aquella creança vaporosamente branca, de um louró quente, que a infinita doçura dos seus olhos azues tornava admiravel.

Havia no seu todo, o quer que era de altivez elegante, devido á senhoril firmeza que lhe vinha da convicção de ser a mais bella rapariga do bairro, como aos seus ouvidos não se cançavam de propalar todas as pessoas que a admiravam.

O pae trazia-a sempre muito bem vestidinha, para a sua condição humilde, e tinha-a na escola régia. Semelhava uma menina de gente rica, seguida do seu creado, quando elle á noite, com o fato do trabalho, a ia buscar.

E a sua rara belleza fazia parar os transeuntes, e parecia illuminar as ruas sombrias, onde o crepusculo descia enchendo tudo de sombras. E nos corações das outras jovens, havia apertos de cruel inveja. Despeitos mal contidos, chispavam nos olhos das mães. Sómente os rapazes se atropelavam na sua passagem, ebrios de admiração, como os indios á passagem da sua grande deusa.

Todo este crescendo de admirações foi coroado de um extraordinario triumpho, quando chegou o dia da primeira communhão para as raparigas d'aquelle anno.

A Angela tinha então dezeseite annos, mas parecia ter menos, pela sua excessiva delicadeza de corpo e pelas suas feições de uma pureza divinal.

Em quinta feira da Ascensão, com uma festa deslumbrante o digno cura ministrou a communhão a todas as raparigas de dezeseite annos da freguezia, no meio do incenso dos thuribulos, das melodias do órgão e das lagrimas de commovida e radiosa satisfação dos paes das pequenas.

A Angela obteve um triumpho, com o seu veu branco emoldurando-lhe a fronte soberana, sobre a qual se levantavam em diadema os seus formosissimos cabellos d'ouro. Levantou-se um murmurio d'admiração, quando o padre com a sua capa recamada de bordaduras d'ouro, parou em frente d'ella. Todos notaram a expressão celestial de candura com que recebeu pela primeira vez o sagrado pão eucharistico, e como os seus olhos ternos, de

um azul ingenuo, envergonhados e timidos, se baixaram sobre o livro de madre-perola.

Os olhos dos rapazes pareciam devoral-a, e um mancebo vestido com elegancia, mas desconhecido no sitio, exclamou involuntariamente:

—Que formosa rapariga!

Por detraz d'elle, achava-se justamente o bom Jacintho, que ouvindo-lhe a exclamação, seguiu a direcção do seu olhar e pôde certificar-se de que se referia á filha. Um ineffavel sentimento de orgulho encheu o seu bondoso coração de pae, apesar de estar muito acostumado a ouvir taes elogios.

O mancebo não despregava os olhos da pequena, quando subitamente viu es'a, levantar os seus formosos olhos azues, fital-os n'elle e sorrir-se.

Julgando-se já correspondido, principiou descaradamente a fazer signaes, quando no meio do seu entusiasmo telegraphico sentiu que lhe tocavam no braço. Voltou-se bruscamente e encontrou a cara do tio Jacintho.

—Foi o senhor que me tocou? perguntou elle n'um tom sacudido.

—Fui eu, sim senhor.

—E não me dirá porque?

—De certo que digo... quando o senhor me explicar que gatimanhos são esses que está fazendo a minha filha.

O elegantissimo rapaz, abriu uns olhos extraordinariamente pasmados, que fizeram sorrir o operario, e por fim, dominando o seu espanto, disse:

—Pois aquella menina é sua filha?

—Se me não quer acreditar, tanto peor para si; eu é que não estou resolvido a consentir que o senhor esteja n'este logar, ou n'outro, a namorar-me a pequena. Fique entendendo.

O tom com que foram ditas estas palavras, era de tal modo, formal e digno, que o rapaz entendeu prudente, capitular. E mudando de tom, entreteve uma conversa muito conciliadora com o bom homem, captando-lhe inteiramente a confiança.

A' saída, como o rapaz não se despregasse do lado do pae, este apresentou-lhe a filha, com um certo desvanecimento. O rapaz pronunciou, com a maior gentileza, algumas d'essas palavras que soam tão bem aos ouvidos das raparigas bonitas, e desde logo captou a sua benevolencia. As outras mordiam-se de inveja.

Seguiram todas as raparigas prociSSIONalmente para suas casas, escoltadas pelas familias, pelos vizinhos e pessoas das suas relações, entre as quaes tomou logar o joven elegante, sempre ao lado do pae da Angela.

Era um espectáculo tocante de poesia christã, a passagem nas ruas, d'aquelle bando de virgens vestidas de branco, com os seus largos veus fluctuantes, e o ar de felicidade e innocencia que as idealisava.

A' porta de sua casa, separou-se a Angela das suas amigas e entrou seguida dos paes, depois de ter cumprimentado o rapaz elegante. N'essa mesma tarde, passou elle repetidas vezes pela rua, tendo o prazer de ver a Angela á janella. A pequena tinha trocado os seus fatos vaporosos, por uma toilette côr de folha secca, que lhe dava ainda mais realce á esplendida brancura da epiderme.

Em breve a assiduidade dos passeios do mancebo, tornou-se o grosso escandalo da vizinhança. O operario foi caridosamente advertido, e um bello dia, a janella permaneceu fechada cruelmente. Declarou-se a crise domestica; ralhos do pae, choro da pequena, risos escarninhos das raparigas da vizinhança quando elle passava. O namorado tudo percebeu, com essa rara perspicacia dos que amam. E appellou para o unico recurso, uma carta incendiaria. Mas como fazel-a chegar ás mãos d'ella?

O dinheiro tudo vence, e com esse vil metal conseguiu seduzir uma vizinha, para ser o seu Mercurio de saias—exactamente a vizinha que se mostrara mais encarniçada em velar pela moralidade alheia em toda a rua. Mas a mãe da Angela desconfiou das repetidas visitas da *austera* vizinha, e obrigou a filha a confessar o contrabando epistolar. Houve uma scena formidavel. O pae desvairado, procurou dar cabo do janota, mas este desfez a sua ira legitima e paternal, pedindo-lhe solemnemente a mão da donzella.

O operario, é claro, embateu. Quiz saber quem elle era. O rapaz declarou ser filho de um rico negociante da ilha, e explicou o ser pouco conhecido na cidade, pelo facto de ter sido educado em Lisboa, onde estudava medicina.

—Pois bem, dou-lhe a mão de minha filha; com a condição de que seu pae é que me hade vir pedir a sua mão.

O rapaz fez uma horrivel careta, porque sabia de que tempera era o pae. Este symptoma perigoso, não escapou ao honrado operario, que desde aquelle momento, redobrou de vigilancia no lar domestico. Cortou todas as relações com a vizinhança, e a pequena deixou de ir á escola.

Estavam as coisas n'estes termos, quando as invejosas amigas da Angela fizeram chegar aos ouvidos do negociante a historia do namorico do filho. Foi o dia do juizo. O homem interpellou vivamente o rapaz, e conhecendo que a paixão tinha já lançado fundas raizes, sentenciou-o a dar por findas as férias e a embarcar immediatamente para Lisboa.

Diante d'este *ultimatum* paterno, o estudante não hesitou um momento. Mandou contar tudo á sua adorada Angela e propoz-lhe a fuga, ou uma separação eterna.

«Se tu recusas partir, dizia-lhe elle em carta pathetica, estás condemnada inevitavelmente a casar á força com algum brutamonte da classe de teu pae; enquanto que eu farei de ti a minha esposa, a vida da minha vida; e quando fôr medico, terás uma posição brilhante no mundo, especialmente quando meu pae faltar, porque sou herdeiro unico.»

Como estudante de medicina, o rapaz era positivo. A Angela pela sua parte, mais de uma vez lhe tinha sorrido a visão da opulencia fóra da sua classe, por entre os elogios que se espalhavam na sua passagem.

—E' digna de ser uma rainha! benza-a Deus! exclamavam as velhas quando a viam na rua.

—Hade fazer um bom casamento, se tiver olho, diziam sentenciosamente os companheiros do pae.

Tudo isto lhe bailava na memoria, de mistura com a vaidade innata em toda a mulher bonita. E por isso fugiu com o Arthur, n'uma bella noite, na vespera do paquete sair para Lisboa.

Imagine-se na manhã seguinte, o espanto dos pobres paes. O carpinteiro com a alma negra, como elle dizia, teve um presentimento de que não podia ser outro o raptor, senão o Arthur. E correu logo a casa do negociante. Este, pasmado e enfurecido com a ousadia do filho, correu ao caes e atirou-se para dentro de um bote, mandando remar a valer para o vapor, fundeado no ancoradoiro da cidade.

—Olhe vossa senhoria, que o paquete já está a levantar ferro, observaram os barqueiros.

—Rema até Lisboa... se tanto for necessario! gritou elle com voz de trovão.

E immediatamente o bote largou do caes com o impeto de uma setta. No tombadilho do paquete, os passageiros examinavam, curiosos, aquelle que elles suppunham, um retardatario. Assim que o bote atracou, o negociante subiu ligeiro a escada do portaló e caiu como uma bomba no convez.

—O meu filho? bradou elle ao commandante.

—Está no seu camarote, respondeu o official inclinando-se com o respeito devido a um homem de dinheiro.

O negociante sempre seguido do pae d'Angela, precipitou-se para a escotilha, e desceu os degraus com incrível ligeireza, enquanto o commandante corria atraz d'elle e se debruçava na escotilha, dizendo-lhe:

—Olhe que é no camarote n.º 3,

Os outros passageiros farejando um escandalo, desceram tambem.

O excellente negociante, resfolegando como um touro, chegou á porta do camarote n.º 3, abriu-a e encontrou os dois pom-binhos.

Dois gritos de legitimo espanto partiram simultaneamente das boccas do Arthur e da Angela, ao verem o negociante tapando com a sua corpulencia a estreita porta da *cabine*, ao passo que por detraz d'elle o carpinteiro, magro e livido, se esforçava em vão para enfiar a cabeça.

Houve um momento de silencio. Dir-se-ia que aquellas quatro creaturas se preparavam para um quartetto. O negociante parecia encaixilhado entre os batentes da porta, como um retrato n'uma moldura. Os seus olhos fixavam com uma expressão de surpresa a joven, e foi apontando para ella, com essa muda admiração que se sente em frente de um esplendido quadro de mulher, n'uma academia, que titubeou estas palavras:

—Esta menina é a tal?...

A mulher, ainda a mais inexperiente, tem o dom de conhecer até onde chega o poder dos seus encantos. A Angela era uma creança, mas não ignorava o que valia, e conheceu logo que havia produzido sobre o pae do Arthur a mesma impressão que causava a toda a gente. A sua finura de mulher indicou-lhe que não devia deixar escapar tão bella occasião, e por isso caiu de joelhos ante o terrivel negociante, erguendo para elle a sua formosa carinha d'anjo, e exclamando:

—Perdão, senhor! Perdão!

Foi n'este momento que o pae d'ella, achando sem duvida pouco natural que a filha pedisse perdão a outro, conseguiu, n'um esforço heroico, enfiar a cabeça para dentro do camarote, e berrou indignado:

—Quem tem direito de te perdoar, sou eu!

Então o negociante, tomando sempre a passagem da porta, reprehendeu o carpinteiro, cujo genio aspero já tinha percebido, e disse-lhe:

—Silencio! o meu filho deve uma reparação a esta menina, cuja formosura excepcional desculpa perfeitamente o desvario que ella praticou.

—Que quer o sr. dizer? perguntou o operario.

—Quero dizer que a considero desde já como minha nora. Os dois jovens, loucos de alegria, precipitaram-se nos braços do gordo e bondoso negociante.

Momentos depois, todos atravessavam a tolda do vapor, ridentes, e desciam para o bote, á pressa, enquanto o helice, redemoinhando nas aguas, fazia oscillar o dorso gigantesco do paquete, que principiava a sua derrota para Lisboa, com o camarote n.º 3 vazio.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



NICE